

O DRAGÃO DA MALDADE

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O Estado de S. Paulo, 7/3/93

Não há dúvida, foi um desastre político a substituição de Paulo Haddad por Eliseu Resende no Ministério da Fazenda. O Presidente revelou-se mais uma vez um homem impulsivo e mal assessorado. Mas, e agora? Vamos todos passar para a oposição? Vamos pedir a demissão do novo ministro? Vamos sugerir que o próprio Presidente renuncie? Ou vamos tratar de acalmar, de por a cabeça no lugar, e de apoiar o Presidente e o novo ministro a enfrentar a terrível crise econômica brasileira?

Colocada a pergunta nesses termos, a resposta é evidente. Mas haverá outra forma de colocá-la? A sociedade brasileira terá outra alternativa? Não creio. Quando as crises são graves, as alternativas são poucas. No quadro atual só há duas alternativas: ou derrubamos o novo ministro ou o apoiamos.

A crítica inicial foi saudável. Era importante que o Presidente soubesse do nosso desagrado. Paulo Haddad estava preparando um plano de estabilização. É um homem competente e equilibrado. Nada fez para perder a confiança do Presidente. Não havia porque inviabilizar sua permanência no comando da economia através de nomeações fisiológicas para o Banco Central, que logo depois seriam suspensas. Eliseu Resende, por sua vez, não é um economista, e está excessivamente comprometido com o regime autoritário. Não foi, do ponto de vista político uma escolha feliz. A sociedade brasileira, ao manifestar sua indignação com as decisões, reagiu da melhor forma possível. É preciso, porém, admitir, primeiro, que, se a responsabilidade é do Presidente as decisões também terão que ser dele, e, segundo, que ele pode ter suas próprias razões para realizar a mudança.

Os empresários, entretanto, temem um novo congelamento. Querem uma estabilização "sem sustos". Sem dúvida, chega de sustos. Mas o novo ministro já deixou claro que não haverá congelamento, já que sem o apoio de empresários e trabalhadores, não há a menor possibilidade de um plano de estabilização dar certo. Na verdade, para terminar com a inflação brasileira, há três condições indispensáveis: o ajuste fiscal, a adoção de uma âncora cambial e um acordo social sobre salários e preços. Só desta forma a inflação poderá terminar.

Ora, acordo social significa entendimento, consenso sobre o que é preciso fazer. Significa que não haverá sustos. Mas significa também que o Presidente e seu Ministro precisam estar prestigiados. É totalmente inviável um acordo social cuja iniciativa e liderança não caibam ao governo. Todos devem ainda estar lembrados do vazio em que caiu um acordo entre empresários e trabalhadores, no segundo semestre de 1990, do qual não participou o governo.

O sentimento geral que agora se espalha é de que o governo só comete erros. Esta visão não é, porém, razoável. O governo pode estar errado, mas não comete apenas erros. Já tem no seu currículo muitos acertos, em um momento em que é incrivelmente difícil governar uma sociedade com uma economia tão gravemente doente como a economia brasileira. A crise fiscal do Estado provoca a hiperinflação. Esta, indexada, não explode, mas exige altas taxas de juros reais para manter um mínimo de estabilidade. As altas taxas de juros inviabilizam os investimentos e levam a economia a uma estagnação que já dura 12 anos.

Consta que, quando Haddad pediu demissão, o Presidente convidou pelo menos um empresário ilustre antes de convidar Eliseu Resende. Dada sua recusa, aceitou a indicação de Resende. Que pode ter muitos problemas, mas que revelou coragem. O cargo que aceitou é um cargo de sacrifício. É um posto de alto risco, para quem não precisava acrescentar a sua biografia um cargo de ministro. É um cargo que exigirá dele um esforço sobre-humano.

Não conheço pessoalmente Eliseu Resende, sempre estive na oposição ao regime militar do qual participou, mas isto é passado. O presente é apenas um: ele aceitou ser Ministro da Fazenda e agora precisa de um voto de confiança. Mais do que isto, o Brasil, diante da grande crise que enfrenta, precisa de cada um de nós, para que o ajuste fiscal possa ser aprofundado e um acordo social possa ser firmado. Só assim a hiperinflação poderá ser afinal esmagada.

Nem o Presidente Itamar, nem seu novo Ministro podem oferecer a garantia de que derrotarão a inflação, caso apoiados. É inútil condicionar apoios a garantias. O ajuste fiscal, a âncora cambial e o acordo social - estas duas últimas medidas visando terminar a inflação de um golpe - são condições indispensáveis mas não suficientes na luta contra a inflação. Além disso ser preciso sorte, habilidade política, competência técnica, e apoio, e mais apoio, e mais apoio. Porque a inflação brasileira não é um dragão qualquer. É o dragão da maldade, que só poderá ser vencido quando a sociedade brasileira realmente se unir.